

A ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL: CONSTRUINDO ESTRATÉGIAS PARA NOVAS PRÁTICAS DE CUIDADO

MEIRELLES, Maria Carolina Pinheiro¹

WILLRICH, Janaina Quinzen²

KANTORSKI, Luciane Prado³

HYPOLITO, Álvaro Moreira⁴

Introdução: No Rio Grande do Sul, o Movimento da Luta Antimanicomial ganhou força através do Fórum Gaúcho de Saúde Mental, formado por trabalhadores de saúde, familiares e pessoas portadoras de sofrimento psíquico, que lutaram pela reversão do modelo marcado pela atenção em hospitais psiquiátricos, e que resultou na Lei nº 9.716 de 1992, como lei estadual da reforma psiquiátrica⁽¹⁾. Tais mudanças instituídas no Estado ao longo dos últimos 18 anos, têm sido de grande relevância na região da Terceira Coordenadoria Regional de Saúde (3ªCRS/SES/RS), com sede em Pelotas, que possui atualmente um rede de serviços de atenção integral em saúde mental, que inclui diversas ações desenvolvidas na atenção básica, e a existência de 17 Centros de Atenção Psicossocial—CAPS, com mais 03 em implantação, distribuídos entre os 10 municípios que possuem mais de 20 mil habitantes, com uma das maiores coberturas populacionais de CAPS no Brasil, chegando a 01 CAPS/ menos de 50 mil habitantes. É neste contexto de crescente implantação de serviços substitutivos, com necessidade, de também ampliar a capacidade de transformação das práticas e do modelo de atenção à saúde, que se faz relevante estar atento ao cuidado de enfermagem em saúde mental. Esta, que teve papel importante relacionado à organização e vigilância interna do espaço asilar/hospitalar, assim como na execução das práticas de coerção e violência características deste modelo, hoje se esforça em construir estratégias para a transição dessas práticas de cuidado para a incorporação de princípios éticos e sociais,

buscando a partir de ações interdisciplinares responder as subjetividades dos sujeitos envolvidos em cada momento e em cada contexto. Sendo assim, e considerando que estudos apontam que os enfermeiros estão demonstrando dificuldades na definição do objeto de trabalho, no paradigma da reforma psiquiátrica⁽²⁾, este período torna-se crítico para a profissão e favorável para o conhecimento e análise do processo de trabalho nessa área. Assim, temos por objetivo analisar ações desenvolvidas pelos enfermeiros no seu cotidiano de trabalho em Centros de Atenção Psicossocial, relacionando-as com os princípios da mudança de modelo de atenção preconizados pela reforma psiquiátrica.

Metodologia: Trata-se de um estudo qualitativo, analítico e descritivo, a partir das entrevistas realizadas com 15 Enfermeiros, sujeitos da pesquisa Saberes e práticas de cuidado em saúde mental utilizados nos serviços de atenção diária em saúde mental – resgatando a especificidade do trabalho do enfermeiro, realizada nos CAPS da 3ª CRS/SES/RS, cadastrados conforme a Portaria Ministerial nº 336/2002, no período de 2004 a 2006, respeitando-se todos os preceitos ético-legais que regem a pesquisa em seres humanos, conforme o preconizado pela resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde e pelo Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. **Resultados e Discussões:** As mudanças instituídas no campo da saúde mental, originadas a partir dos movimentos de Reforma Psiquiátrica, visam à reintegração social do indivíduo através de

¹Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFPEL. carolinapmeirelles@yahoo.com.br.

²Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFPEL. janainaqwill@yahoo.com.br

³Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem e Obstétrica/UFPEL. kantorski@uol.com.br

⁴Pedagogo. Doutor em Curriculum and Instruction. Professor Adjunto da Faculdade de Educação/UFPEL. hiplito@ufpel.tche.br

políticas de atenção psicossocial que garantam e promovam a cidadania do portador de transtorno psíquico. Neste sentido, a atuação do enfermeiro compreende criar espaços que promovam a reabilitação biopsicosociocultural e política, sendo necessário conhecer a história de vida do sujeito, o faz do acolhimento/atendimento individual de usuários e familiares, uma importante tecnologia de cuidado, que verificamos como uma das principais atividades desenvolvidas pelos enfermeiros entrevistados. *Faço acolhimento não só do paciente que vem pro CAPS, como também o acolhimento dos pacientes do serviço. Os pacientes eles sabem qual é o técnico acolhedor do dia, então se o paciente que está dentro do serviço desenvolvendo alguma atividade se sente mal, está deprimido, ansioso, vai procurar sempre o técnico acolhedor que é quem busca orientá-lo para solução do seu problema (...) e se acolhe também o seu familiar E6.* Assim, percebemos que nos CAPS há uma mudança nos papéis desenvolvidos por cada categoria profissional, onde o atendimento individual, que no modelo psiquiátrico tradicional, era uma atividade desenvolvida estritamente por psiquiatras e psicólogos, passa a ser realizado por outros profissionais, dentre eles o enfermeiro, que pelos depoimentos observamos que assumiram a responsabilidade pela escuta terapêutica, comprometendo-se com um cuidado integral e interdisciplinar. A integração de saberes e práticas é uma das marcas dos serviços substitutivos, no qual as diversas profissões que compõem a equipe organizam-se em torno de um mesmo processo de trabalho ⁽³⁾. Essa articulação efetiva entre as áreas de saber envolvidas nas ações interdisciplinares é fundamental na constituição do novo campo em saúde mental e na superação do trabalho segmentado onde encontramos a mera justaposição de categorias profissionais. Também observamos que os enfermeiros desenvolvem no cotidiano dos serviços, a coordenação e participação em oficinas terapêuticas, com modalidades como: marcenaria, música, artes e de cuidados pessoais ou de higiene, sendo esta última a que o enfermeiro mais se envolve. *Levo-os para horta (...) E7 Eu tenho o oficina de costura, que eu trabalho com as usuárias E11. A oficina de higiene, cuidados pessoais, ou de beleza, eu*

que fiquei responsável (...) que é na terça-feiras pela manhã (...) têm duas pessoas que tomam banho e outros a gente faz cuidado das unhas e dá orientações diversas e tal, então é muito engraçado, porque antes uma usuária vinha sempre, cheirando mal e não queriam tomar banho, a gente conversava, conversava, e agora ela já vem para tomar o banho aqui, trazendo a roupa de casa limpa para bota E12. Consideramos de extrema importância o olhar do enfermeiro para os aspectos físicos dos usuários, tendo em vista que no imaginário social o “louco” é visto como uma figura bizarra, devido ao descuido com sua imagem. As oficinas em geral propiciam ao usuário participar de uma atividade criativa/laborativa, compartilhar com os demais seus sofrimentos, além de ser um espaço que propicia o treino da socialização, proporcionam envolvimento do usuário em tarefas que trabalham suas limitações motoras e também suas habilidades e que os colocam frente a algo que podem construir ⁽⁴⁾. Os grupos como as oficinas terapêuticas são atividades essenciais, possuindo diferentes finalidades, e são coordenadas por diversos membros da equipe, incluindo o enfermeiro. Em cada serviço foram apontados vários grupos terapêuticos que são desenvolvidos pelos enfermeiros (grupo de familiares, medicação, conversação, de dependência química), construídos de acordo com as necessidades apresentadas, sendo, o envolvimento maior dos enfermeiros com o grupo de medicação. *Eu tenho grupo de medicação, (...) coordeno o grupo, faço intervenções todas às vezes que for necessário, oriento os pacientes, e no final do grupo a gente sempre tenta discutir algumas situações que vieram e avalia como é que foi o funcionamento do grupo E5.* A responsabilização pela medicação é constante no cotidiano dos enfermeiros. *(...) fazer toda essa parte de entrega da medicação, que vem da secretaria da saúde, conferir a medicação (...) pacientes que usam medicação injetável de depósito também é feito com a gente E2.* Entendemos que, a finalidade do uso da medicação neste novo paradigma de cuidado em saúde mental é muito diferente daquela do modelo manicomial onde muitas vezes era utilizada somente para a remissão dos sintomas. No modelo proposto pela reforma psiquiátrica o uso da medicação busca auxiliar o sujeito a retomar ou reconstruir

seu projeto de vida, participar das atividades que desenvolvam suas habilidades, sua autonomia, e promova sua reinserção na sociedade, sendo de extrema importância o cuidado de enfermagem dedicado a esta atividade. **Considerações Finais:** Assim, a partir deste estudo, consideramos que as ações cotidianas do enfermeiro em CAPS, apesar de às vezes ainda se aproximarem da reprodução histórica do modelo antimanicomial, na maior parte das vezes, quanti e qualitativamente, se constituem em ações coerentes com a reforma psiquiátrica, por se caracterizarem em atividades de inclusão e atenção psicossocial e em liberdade, talvez necessitando ainda, avançar no sentido de desenvolver ações para além dos “muros” do próprio CAPS, e atender a coletividade de um território sob responsabilização sanitária deste dispositivo de saúde.

Palavras- chave: Enfermagem, Saúde Mental, Cuidado, CAPS

Referências

- 1 Dias, M. Saúde Mental: é possível uma política, coletiva, integral e de cidadania. In:
- 2 Divulgação em Saúde para Debate. Rio de Janeiro, n. 23, p.86-95, dez, 2002.
- 3 Oliveira, A. G. B., Alessi, N. P. O trabalho de enfermagem em saúde mental: contradições e potencialidades atuais. Rev latino-am enfermagem. 11(3): 333-40, 2003.
- 4 Pascoal, A. de F. F. M. et al. Reabilitação Psicossocial, interdisciplinaridade e papel profissional. In: Filho, P. C. P. T., Cobbo, A. F. F. (org). Enfermagem na Atualidade: ensino, pesquisa e extensão. Porto Ferreira. São Paulo. Editora Gráfica SP, 2003, p. 199-209.
- 5 Kantorski, L. P., Machado, A.T. e Oliveira. C.A. Centro de Atenção Psicossocial- Reinventando o cuidado em saúde mental. Texto & Contexto Enferm. Florianópolis, v. 9, n.1, p. 233-243, jan-abr, 2000.